

PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA



Foto: Museu de Lagos | Helena Simão

ENTREVISTA

MARIA JOAQUINA BAPTISTA QUINTANS DE MATOS nasceu em Portalegre, em 1952. Licenciou-se em Filologia Germânica e, ao longo da sua vida, foi professora e autarca.

Iniciou a sua vida de professora no ano letivo de 1974/1975. Em janeiro de 2002, deu início à atividade autárquica, integrando o Executivo Municipal, presidido por Júlio Barroso, como vereadora e funções de vice-presidente.

Em 2013, assumiu o cargo de presidente da Câmara Municipal de Lagos e, em 2019, entrou na Assembleia da República como deputada eleita na Lista do P.S. pelo círculo do Algarve, tendo exercício esse cargo até à dissolução da Assembleia da República, em 2021.

Atualmente, está aposentada e exerce as funções de presidente da Assembleia Municipal de Lagos.

Em 25 de Abril de 1974, vivia em Lisboa, onde estudava. Recebeu a notícia em casa, através do telefonema de uma amiga.

DESCRIÇÃO

Código de Referência: PT/ML/AML/C/3/35/000022

Título: Entrevista a Maria Joaquina Baptista Quintans de Matos

Data: 29/09/2023

Local: Instalações da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos.

Tipo: Entrevista áudio formato M4A

Duração de gravação: 00:28:40

Entrevistador: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Registo fotográfico: Museu de Lagos / Helena Simão

Transcrição: Mário Lino

Revisão e edição: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Texto revisto e validado pelo entrevistado a 19/04/2024.



M L MUSEU
DE LAGOS

Patrícia de Jesus Palma (PJP): Senhora Maria Joaquina, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar connosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. Começo por lhe perguntar: onde vivia quando acontece o 25 de Abril?

Maria Joaquina Baptista Quintans de Matos (MJBQM): No 25 de Abril de 1974 vivia em Lisboa, pois era aluna da Faculdade de Letras.

PJP: E recorda-se desse dia?

MJBQM: Muito bem! Quem vive um dia tão extraordinário como foi o 25 de Abril de 1974 guarda essa memória para a vida.

PJP: Como é que teve a notícia?

MJBQM: Por uma amiga que ligou logo pela manhã cedo a anunciar que havia movimentações de militares em Lisboa e que algo de estranho estaria a acontecer.

Apesar da surpresa, a notícia não era propriamente uma novidade... Era algo pressentido.

Vivíamos tempos muito agitados, de muita contestação ao Regime, apesar da enorme repressão.

Fui para a Universidade em 1971 e encontrei na Academia um ambiente de contestação política, de luta pela Liberdade, pela Democracia e pelo fim da Guerra Colonial, o grande problema que se arrastava há anos e que o Governo não conseguia resolver.

Penso que seriam poucos os estudantes universitários da altura que não se interessassem pela vida política nacional, no sentido de mudança, e que não estivessem envolvidos nas várias organizações partidárias, clandestinas, que, entretanto, se tinham formado.

PJP: Ia dizer que soube por uma colega que se estava a passar qualquer coisa...

MJBQM: Sim, soube por uma colega que algo se estava a passar e comecei a tentar perceber melhor qual o sentido das movimentações das tropas.

Na altura, eu e uma colega de curso vivíamos na Avenida Almirante Reis e tentámos compreender melhor os acontecimentos. Não resistimos à curiosidade e, apesar dos avisos da comunicação social para permanecermos em casa, saímos para a rua, em direção à baixa e lá fomos para nos juntarmos a outros colegas e viver aquele momento.

Foi com muito entusiasmo que caminhámos e chegámos ao Chiado onde era grande a euforia do Povo que se juntava para manifestar a alegria e o entusiasmo pelo que estava a acontecer, saudando os militares e gritando pela Liberdade!

PJP: *E que sentimento vos acometia?*

MJBQM: No início, tínhamos algum receio, pois sentíamos ainda, presente, a forte repressão policial quando se realizavam manifestações de rua contra o regime, nomeadamente contra a Guerra Colonial.

Mas o ambiente era outro. A alegria, a espontaneidade dos cidadãos, o livre convívio entre todos era contagiante e um clima de libertação foi crescendo e ocupou a Rua.

Foi um dia intenso e inesquecível para mim e para todos os que o viveram.

PJP: *E os dias seguintes, como é que os viveu?*

MJBQM: Vivi-os com muita intensidade e agitação.

Andávamos muito na rua, íamos a manifestações, a concertos e a convívios com colegas e amigos.

O 1.º de Maio foi um dia de festa.

O Povo saiu à rua e gritou pela Paz, pela Liberdade e pela Democracia, num ambiente de união e de festa como eu nunca tinha visto.

A revolução popular estava na rua e o vermelho que se via era dos muitos cravos nas mãos do Povo e na decoração do material militar que circulava pelas ruas.

PJP: *Portanto, estava a estudar, não tinha terminado ainda o curso, e que efeitos é que isso teve na vida académica?*

MJBQM: Os dias da Revolução tiveram efeito na vida da Academia, como era de esperar.

Foram tempos de muitas mudanças e de muita agitação e a Universidade não fugiu a essa situação.

Ainda terminei o 4.º Ano do Curso, mas comecei a ponderar a possibilidade de começar a dar aulas.

PJP: *Porque a Faculdade também fechou na altura... E começou a trabalhar onde?*

MJBQM: A minha família vivia em Portimão. Eu nasci em Portalegre, mas vim para o Algarve quando tinha 12 anos e foi no Liceu Nacional de Portimão que fiz os meus estudos.

No primeiro ano, quando me candidatei, comecei a trabalhar na Escola Industrial e Comercial de Peniche, em 1974/75. No ano seguinte, 1975/76, fui, felizmente, colocada na Escola Industrial e Comercial de Portimão, onde fiquei por 4 anos.

Em 1979/80, fiz estágio pedagógico na Escola Preparatória Dom Martinho Castelo Branco e, em 1982, vim para Lagos e integrei o quadro da Escola Preparatória, como professora de Português e Inglês.

PJP: *Então, voltemos a essa época mais recuada. Como é que foi a experiência dos seus estudos no liceu em Portimão e, depois, a transição para Lisboa?*

MJBQM: Os meus estudos em Portimão correram bem. Porque os meus Pais valorizavam muito a Escola e eu fui, sempre, uma aluna dedicada.

PJP: *E nunca foi uma questão, as filhas estudarem?*

MJBQM: Na minha família, houve sempre a motivação para estudarmos. O meu Pai dizia, como muita frequência, que o nosso futuro tinha que passar pela escola. E eu aproveitei. Gostava muito de estudar e aproveitei a oportunidade, que os meus Pais, com sacrifício, me proporcionaram.

Os meus Pais pertenceram àquela geração de portugueses que tudo fizeram para que os seus filhos tivessem a oportunidade de estudar.

PJP: *Há pouco dizia que quem ia da província, ia ainda muito cego relativamente...*

MJBQM: Sim, de facto, a actividade política e os assuntos políticos não faziam parte das nossas conversas nem das nossas preocupações.

Se bem me lembro, nos anos finais do ensino liceal tínhamos uma disciplina chamada de “Organização Política e Administrativa da Nação”, mas os assuntos eram todos tratados e estudados “*by the book*”.

De qualquer modo, lembro-me que de alguns professores se ouvia dizer que eram críticos do regime e da oposição... Tudo dito muito em segredo e em surdina.

Mas, a generalidade dos alunos não tinha qualquer formação política. Talvez alguns poucos, filhos de famílias com alguma sensibilidade política, o que não era o meu caso.

PJP: *E, então, como é que foi essa mudança para Lisboa?*

MJBQM: Foi muito boa. Aos 18 anos, eu era bem feliz. Foi um tempo de muita aprendizagem, não só na Universidade, nas aulas, mas também no convívio.

Aproveitei a minha juventude, ia ao teatro, ao cinema e descobri o valor de colegas que desenvolviam actividade política e em termos cívicos, na mobilização pela denúncia das injustiças e por uma sociedade moderna e justa.

Foi, para mim, um tempo de descoberta da música de intervenção, das baladas de José Afonso e de outros, dos escritores censurados que procurava ler às escondidas... Foram tempos de cumplicidades, de consciencialização política e do crescer da esperança num País melhor.

Foi um tempo intenso, mas feliz.

PJP: *Tendo também uma grande abertura cultural, com um mundo que também era desconhecido?*

MJBQM: Sim, sentia-se na altura alguma abertura à modernidade, na música, no cinema, na cultura em geral. A sociedade estava em mudança.

PJP: *E como professora, muito jovem, o que é que a animava?*

MJBQM: Penso que tive a sorte de começar a trabalhar quando a Escola abriu as portas a todas as crianças do País.

Lembro aqui que, de acordo com os dados da Pordata, era grande a taxa de analfabetismos no nosso país ainda na década de 70. Em 1970, 25% dos homens não sabiam ler nem escrever e essa taxa era de 31% entre as mulheres.

Foi, pois, um grande desafio para a minha geração de professores a que respondemos com todo o nosso entusiasmo e dedicação.

Foi a utopia de fazer um País novo, moderno e justo, que nos mobilizou nesses tempos já distantes da década de 70.

E a Escola deu, sem dúvida, um grande salto em frente quando todas as crianças tiveram acesso à educação e ao ensino.

Educação para Todos! Foi o grande lema desses tempos.

PJP: *Essa grande proximidade, para integrar todos na escola pública?*

MJBQM: Sim, a Escola Pública para todos começou a tornar-se uma realidade e assumiu o seu papel de pilar do Estado Social que, entretanto, começava a tomar forma.

Foi, e é, sem qualquer dúvida, uma grande conquista de Abril.

PJP: *É por concurso que vem para Lagos?*

MJBQM: Sim, como já referi, candidatei-me a vaga no quadro de efetivos na Escola Preparatória de Lagos. Foi uma escolha pessoal.

PJP: *E quando chega a Lagos, que cidade é que encontra?*

MJBQM: Uma cidade histórica, cúmplice do mar, acolhedora, cosmopolita e livre.

PJP: *E a relação dos professores com os alunos?*

MJBQM: A relação dos professores com os alunos era, e continua a ser, de muita proximidade e apoio.

PJP: *E quando é que começa a participar ativamente na vida política?*

MJBQM: Começo a participar mais ativamente na vida política em 1994, quando integrei as listas para a Assembleia Municipal de Lagos.

Eu aderi ao P.S. em 1977, quando ainda vivia e trabalhava em Portimão e sou militante desde então.

PJP: *E lembra-se das primeiras eleições livres e, depois, as autárquicas?*

MJBQM: Lembro-me muito bem do dia 25 de Abril de 1975, o dia das primeiras eleições livres para a Constituinte.

Fui votar com a minha mãe que dizia estar feliz por ver tanta gente a poder votar em Liberdade.

PJP: *Foram votar onde?*

MJBQM: Se bem me lembro, fomos votar na antiga Escola Primária na Estrada de Alvor, onde nos juntámos à grande fila de cidadãs e cidadãos que, como nós, queriam participar na construção da Democracia, pela Liberdade, pelo Desenvolvimento do País e por mais Justiça Social. O Povo aderiu ao apelo de uma nova Constituição que salvaguardasse os seus legítimos Direitos.

PJP: *E de que forma é que a experiência desses momentos históricos a levam depois, nos anos 90, a tomar a iniciativa?*

MJBQM: Enquanto cidadã, acompanhei todas as grandes mudanças que o País foi vivendo.

Assisti à construção do Estado Social, à adesão à C.E.E. e ao desenvolvimento social e económico desses tempos. Em certa medida, mantive-me sempre interessada na atividade política do País.

PJP: *Como é que a namoraram?*

MJBQM: Foi fácil. Dirigiram-me convite para integrar as listas do P.S. nas eleições autárquicas de 1994 e aceitei com gosto.

PJP: *E, a partir daí, passou a participar mais ativamente.*

MJBQM: Mais ativamente, sim, uma vez que fui eleita para a Assembleia Municipal, integrando o Grupo Municipal do P.S..

PJP: *E, aqui no Algarve, lembra-se dessa movimentação partidária, da participação nas reuniões, como é que foi essa experiência?*

MJBQM: A minha actividade política de maior destaque tem a ver com os cargos que ocupei enquanto autarca do Município de Lagos.

Como já referi, entrei para Assembleia Municipal em 1994. Em 1997, integrei de novo as listas do P.S. e fui eleita de novo para este Órgão Autárquico. Em 2001, fui convidada para as listas à Câmara Municipal e a partir daí integrei o Executivo Municipal até 2019, como Vereadora nos primeiros 3 mandatos e como Presidente entre 2013 e 2019. Nesse ano, integrei as listas de Deputados do P.S. pelo Algarve, à Assembleia da República onde estive até 2021.

PJP: *O Poder Local acaba por ser um dos principais pilares da Democracia. Como é que revê essa possibilidade de ter participado ativamente, de ter construído?*

MJBQM: Olho para trás e revejo que foi um tempo de muito trabalho e dedicação à causa pública, tendo valido a pena.

PJP: *E quais foram, durante o período em que foi membro do Executivo Municipal, as principais necessidades que encontrou ainda aqui no concelho?*

MJBQM: Na altura, já muitas das infraestruturas básicas no Concelho tinham sido resolvidas pelos anteriores Executivos. No entanto, eram muitas as pretensões dos lacobrigenses no sentido da modernização do concelho. Refiro, como exemplos:

– A necessidade de ampliação e a requalificação do parque escolar público e o reforço das respostas à educação pré-escolar;

– Construção de equipamentos públicos, com destaque para o Pavilhão e as Piscinas Municipais;

– A acessibilidade e a mobilidade.;

– A construção do novo Edifício da Câmara Municipal onde se concentrassem os vários Serviços distribuídos pela cidade.

Foi, de facto, muita a obra pública realizada pelo Executivo Municipal onde estive como Vereadora, sendo Presidente Júlio Barroso.

Como Presidente da Câmara, a primeira necessidade que encontrei foi a situação relacionada com o encerramento da Ponte D. Maria e a urgência da sua reabertura.

PJP: *E a maior dificuldade?*

MJBQM: A maior dificuldade sentimo-la com a crise financeira que se começou a instalar a partir de 2009. Exigiu-nos muita contenção e ponderação na gestão das finanças municipais.

Mantivemos sempre o ânimo e a determinação de construirmos soluções para o dia-a-dia da vida dos cidadãos e continuamos a ambicionar um Município sempre melhor.

Hoje é minha convicção que o Poder Local Democrático é uma das maiores conquistas do 25 de Abril de 1974 e é responsável pela modernização e pelo desenvolvimento equilibrado do nosso País.

PJP: *Senhora Maria Joaquina Matos, muito obrigada pelo seu testemunho.*

Referência para citação: MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a Maria Joaquina Baptista Quintans de Matos*. 2023-09-29. 7 p. Acessível, com a ref.^a PT/ML/AML/C/3/35/000022, em <https://abrir.link/ujGKW>.